

Professando as letras: identidades em construção

Heloísa Buarque de Hollanda

Em 1972, ou seja, há quase trinta anos atrás, Mikhail Bakhtin de certa forma previa, o que hoje é referido por muitos como a crise da área de Letras e que prefiro chamar de uma atual e saudável flexibilização teórica e metodológica nestes estudos.

Bakhtin referia-se à situação da pesquisa literária na União Soviética no início da década de 70, e lamentava duramente a falta de articulação entre os estudos literários e os problemas mais gerais da sociedade, denunciando a ausência de empenho, por parte dos pesquisadores, na identificação de novas áreas ou fenômenos significantes no campo praticamente ilimitado da produção literária.

Avaliando estes impasses, Bakhtin observa que a ênfase que, por longo tempo, vinha sendo dada à definição das especificidades da literatura, terminou por preterir as questões da interdependência das várias áreas da produção cultural. A ausência de articulações mais concretas entre a literatura e o contexto global da cultura de uma dada época, de certa forma estaria promovendo a marginalização da própria idéia de literatura.

Bakhtin chama ainda a atenção para a flutuação histórica das fronteiras das áreas da produção cultural e observa que sua vida mais intensa e produtiva sempre ocorre nas fronteiras de suas áreas individuais e não nos espaços onde estas áreas tornam-se encerradas em sua própria especificidade¹.

Na década de 80, a área de Letras começa a responder com mais nitidez às demandas das transformações sociais que vão marcar o final do século XX. A interdisciplinaridade, o debate sobre a hegemonia do cânone literário, a interpelação da historiografia tradicional pelo Novo Historicismo, os novos estudos sobre a literatura oral, o forte impacto das teorias críticas feministas e étnicas apontam para uma inédita turbulência no interior do que Bakhtin havia identificado pouco tempo antes como a “falta de flexibilidade dos estudos literários”.

¹ "Response to a Question from Novi Mir Editorial Staff" in Speech Genres & Other Late Essays org. Caryl Emerson e Michael Holquist. University of Texas Press, 1987.

Não há dúvida de que trabalhar neste momento de mudanças estruturais e de sérias alterações paradigmáticas e epistemológicas que estamos vivendo é um privilégio para o crítico literário. Não sei se é apenas uma atração pessoal, minha, pelo risco, ou se realmente momentos como esse, em que temos que enfrentar a instabilidade dos nossos modelos de análise e interpretação sejam de fato particularmente produtivos e criativos. Lembro, a propósito, de um ensaio feminista seminal entre nós, chamado “A instabilidade das categorias de gênero”, de Maria Odila Silva Dias e que trata, de forma definitiva, da natureza produtiva de categorias de análise disciplinares quando desestabilizadas pela formação de novos campos e objetos de estudo.

É, portanto apostando nesta noção chave de instabilidade que vou tratar aqui de dois campos de pesquisa nos quais venho trabalhando estes últimos anos. São eles: A influência de um nova área de produção de conhecimento, que são os Estudos Culturais, tal como vêm se desenvolvendo entre nós, especialmente na área de Letras, e as questões sugeridas pelo debate em torno da literatura produzida a partir dos anos 90, e aqui escolho – arbitrariamente e por gosto - o caso da poesia, enquanto sintomática da criação artística neste nosso atual contexto globalizado, marcado pela lógica do consumo e pela abertura de novas infovias de produção e contestação no universo descentralizado da Internet.

São dois casos relativamente distintos e para descrevê-los vou me apoiar, - como me ensinaram minhas incursões teóricas feministas -, na minha própria e contextualizada vivência pessoal durante a pesquisa e o trabalho com estes objetos.

Começo pela criação da Biblioteca Virtual de Estudos Culturais e das questões que se colocam para os intelectuais “periféricos” que navegam na internet, no meu caso, a história de uma intelectual minoritária em todos os sentidos, tentando achar seu equilíbrio nas ondas, muitas vezes agitadas, da web.

É neste sentido, que vou procurar descrever alguns pontos que me chamaram atenção mais diretamente durante esta experiência.

De uma maneira bastante geral, são eles: a estimulante dificuldade em apreender os limites ou em definir o campo de trabalho dos Estudos Culturais; os efeitos da natureza

globalizante da pesquisa local no universo da internet; a reavaliação das possíveis formas da produção de conhecimento quando trabalhada neste universo “planetário”, e finalmente os irônicos caminhos abertos para o intelectual cyberengajado.

A eleição de uma área como os Estudos Culturais para a implantação de um projeto de informação e pesquisa na internet foi fundamentalmente estratégica. Se, por um lado, os Estudos Culturais oferecem o risco do trabalho numa área ainda não consolidada e, portanto, de relativamente pouca densidade teórica e epistemológica, por outro, esta mesma área vem revelando traços bastante claros da emergência de um debate e mesmo de uma possível luta, no interior do espaço acadêmico, extremamente oportuna e promissora.

Talvez a melhor definição que me ocorra hoje para a área dos Estudos Culturais seja não em termos da novidade de suas fronteiras disciplinares, mas certamente enquanto, basicamente, um projeto de política acadêmica.

Ao mesmo tempo, o exame das auto-definições (ou a ausência delas) das comunidades científicas sobre o que seriam os Estudos Culturais em diferentes contextos locais e nacionais, mostra uma flutuação interessantíssima não só quanto à delimitação dessa área de pesquisa mas ainda quanto à sua afiliação disciplinar. Neste último caso, podemos observar uma clara e curiosa oscilação quanto ao topos eleito para sua legitimação curricular, que, no caso brasileiro, dá-se preferencialmente em Letras e Comunicação, seguido de longe pela Antropologia Cultural.

É importante não se perder de vista o fato que, na América Latina, estes estudos começam a expandir-se na segunda metade da década de 1980, em meio aos processos de abertura política no Cone Sul, como campo privilegiado para pensar a arte e a cultura através da reinserção democrática e da emergência de novos sujeitos políticos na textura social de nossos países. É neste momento ainda que o debate acadêmico latino-americano começa a absorver novas questões determinadas pela reorganização das fronteiras nacionais sob o impacto da globalização bem como aquelas relativas às novas formas de articulação da sociedade civil e seu diálogo com o Estado. Estas articulações intensificam-se em função da baixa capacidade do Estado em responder às demandas da

sociedade civil, passando este a depender cada vez mais de atuações em âmbito internacional, definindo, no campo político e acadêmico, a necessidade da consolidação de uma sociedade civil global.

Foi observando a densidade desse momento, que escolhi os Estudos Culturais como uma arena acadêmica importante para ser trabalhada no ambiente descentralizado da internet.

No que diz respeito às novas lógicas da produção de conhecimento, uma primeira alteração que o trabalho nas infovias nos traz é a constatação de que a informação acadêmica ou científica já não é propriedade exclusiva de alguns intelectuais esclarecidos. Uma rápida navegação, mesmo para pesquisadores “não fluentes”, pode disponibilizar uma quantidade até hoje inédita de bibliografia, dados e informações nos mais impensáveis assuntos ou campos de estudo ou pesquisa. Ou seja: a posse ou o acesso à informação não é mais o grande capital do cientista atual. Já em 1979, portanto há vinte anos atrás, Lyotard² havia nos mostrado que a produção científica neste final de milênio se faria preferencialmente através da expertise e da criatividade na ARTICULAÇÃO das informações disponíveis e na interpretação desta articulação, minimizando o impacto das “descobertas” do intelectual tradicional, mudando substancialmente os parâmetros da avaliação da performance científica.

Ora, se, em função da hyperaccessibilidade da informação em nossos dias, intelectuais e pesquisadores já se sentem acuados com a perspectiva da “vulgarização” (ou democratização) de seus mais escondidos capitais e recursos de trabalho, surge um segundo complicador: as mudanças nas relações entre parceiros, saberes e entre as próprias formas da produção acadêmica.

Uma pergunta que fatalmente se coloca neste sentido é sobre a lógica e os sentidos de um possível remapeamento identitário em processo nesse universo cuja natureza é radicalmente desterritorializada, fragmentada, globalizada e permeada continuamente por fluxos maciços de informação. Como os usuários da web se situam ou “constroem” seu pertencimento neste contexto imprevisível?

² Lyotard, Jean-François. *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Ed. Minuit, 1979.

Tradicionalmente, os processos de auto-identificação ou de representação identitária sempre foram feitos a partir dos parâmetros não de um, mas de vários pertencimentos: o pertencimento regional, o nacional, o temporal, o genealógico. No ambiente da internet, o que ocorre é precisamente o inverso, ou seja, a perda do valor indicial destas noções de tempo e de espaço.

Já começam surgir estudos interessantes sobre as novas formas da representação e pertencimento à comunidade virtual a partir do exame de como se processam a invenção, escolha e obtenção de um password ou senha de acesso à rede das redes.

A observação das formas de construção das homepages (não por coincidência chamada de home) pode ser, nesta direção, um campo privilegiado para a análise das encenações de subjetividades ou afirmações identitárias no espaço descentralizado da web. Outro ponto que chama atenção neste caso é a emergência definitiva da unidade “home”, um território menor, claramente pessoalizado e situado com mais precisão do que a noção de “local”, unidade de uso corrente nas negociações com o universo simbólico globalizado.

Por outro lado, esses novos micro-territórios hyperlocalizados, sofrem um impacto desestruturador nada desprezível ao conectarem-se, sem mediações e de forma aleatória, com o ambiente instável da informação planetária.

Outro exemplo significativo nesta direção é o da lógica espacial, ou mesmo "geográfica", de um ambiente como o da internet em relação à mobilidade de uma informação. Como ocorre em qualquer processo informativo, a informação na rede percorre um caminho entre o emissor e o receptor dessa informação. Existe, portanto um ponto de saída e outro de chegada. A diferença é que neste caso, por ser um caminho formado por vias flutuantes de comunicação que apenas momentaneamente se conectam, o trajeto entre esses dois pontos não é identificável. Segundo os peritos no assunto é impossível repetir uma mesma “rota” entre os dois pontos referidos da informação. Cada mensagem, apesar de sair do mesmo ponto e chegar no outro mesmo ponto, percorre, a cada vez, caminhos totalmente diferentes. Navegar é, portanto mudar de ambiente continuamente.

O que é importante guardar agora é que é de todo impossível conduzir uma informação de um ponto a outro de forma previsível. Um detalhe como esse vai alterar, talvez de forma bastante definitiva, nossa produção acadêmica e atividades de pesquisa.

Explico melhor. Até hoje, a organização e a avaliação da pesquisa foi feita a partir da vigência de uma absoluta hierarquia do saber. A partir do entendimento de que a informação é um produto fixo, de que a unidade de troca da informação é relativamente permanente e de que esta se dá num ambiente, sobretudo, estável.

No caso de um ambiente como o da internet, a unidade individual da troca de informação, como acabamos de ver, é totalmente permeável. Consequentemente, a posição do pesquisador no âmbito de uma estrutura com esse novo formato é radicalmente alterada. As convenções hierarquia e linearidade, vitais para a pesquisa tradicional, tornam-se inócuas.

Como se isso não bastasse, a relação autor/leitor é igualmente caótica e incontrolável, na medida em que, na rede, o leitor é levado a operar de forma múltipla em seu, digamos, encontro com um texto. Não me refiro aqui às infinitas possibilidades abertas pela leitura tão bem descritas pela teoria da recepção. Falo dos efeitos de uma leitura no interior de um ambiente não linear, totalmente descentralizado e, portanto bastante distinto da superfície fisicamente concreta e controlável de uma página de papel.

No contexto da web, ao contrário, o prognóstico mais realista é o de que o leitor saia linkando partes do texto do autor que está consultando ou apenas lendo com partes de novos textos que estejam real ou virtualmente sinalizados em sua “bússola particular”.

Inclusive, hoje, (como previu, com mais elegância, Lyotard mencionado acima), não é improvável, que o maior ou menor sucesso do trabalho do pesquisador seja diretamente proporcional à sua capacidade de linkar o que não estava linkado, ou ainda à sua criatividade no sentido de romper de fato os parâmetros vigentes nas relações interpessoais estabelecidas pela prática da pesquisa e da produção científica atuais.

Por outro lado, a natureza globalizante do trabalho na internet traz algumas perspectivas animadoras. Entre elas estão as possibilidades quase infinitas de troca e contatos entre a comunidade acadêmica e o agenciamento mais eficaz das múltiplas

formas de intervenção política possibilitadas pela diversidade da informação hospedada na Internet.

Um exemplo já clássico no Brasil neste sentido, foi a mobilização internacional e a repercussão obtida através da internet pelo Movimento dos Sem Terra (MST), que, em 1997, conseguiu divulgação inédita a partir da articulação do Fórum Nacional Permanente contra a Violência no Campo, campanha internacional de demanda de apoio contra atos de desrespeito aos direitos humanos e às violações de códigos de ética internacionais e do desenvolvimento de uma tática intensiva de divulgação diária, na internet, de notícias de jornal, informes, manifestos, e-mails e listas de discussão. O que deu, sem dúvida, ao MST, naquele momento crítico, visibilidade internacional e poder de negociação local.

Ainda que originariamente a internet tenha entrado na maioria dos países com fins acadêmicos, vemos que a academia ainda é tímida e não testou seu potencial cultural e social no espaço público da web.

Um rápido exame, por exemplo, dos principais sites brasileiros que podem ser recuperados nos eixos conceituais etnias/gênero, tanto no âmbito das organizações da sociedade civil quanto no âmbito da produção artística e literária, vai mostrar a diversidade de usos possíveis do espaço da rede e de um movimento bastante intenso de exploração do espaço público virtual para novos desenhos de identidades, estratégias e políticas culturais.

Do ponto de vista do trabalho acadêmico, a expansão destas formas de intervenção e disponibilização de dados e elementos geralmente gerados fora das fontes convencionais de pesquisa, como é o caso de sites culturais não canônicos ou de surveys e diagnósticos sociais produzidos com fins e compromissos dirigidos e que, agora encontram-se disponíveis em sites e homepages, abre um leque de possibilidades de informação e comunicação sem precedentes para a pesquisa científica *strito sensu*.

O que quero chamar atenção aqui, é que é precisamente em função destas novas possibilidades que se torna cada vez mais importante a produção de levantamentos e análises do vasto material hospedado na rede e o estudo do quadro de possibilidades de parcerias e articulações que o ambiente da internet permite, bem como a formulação de

novas políticas científicas, tarefa que, em algum momento, será de ajuda nesta nova esfera pública acadêmica que se abre para o pesquisador e para o teórico que, como sugeriu Bakhtin queira desafiar as fronteiras tradicionais dos estudos literários.

Passo então para o segundo caso, que como veremos apresenta claras homologias com o primeiro. Trata-se da experiência recente que tive ao literalmente imergir, durante dois anos, na produção poética dos anos 90, ou seja, numa forma de produção literária ainda em processo.

Geralmente recorro ao estudo da poesia quando me vejo com dificuldades no diagnóstico da produção contemporânea. A escolha se dá por motivos meio insólitos. O primeiro é porque sou uma fanática leitora de poesia e, portanto um pouco “crente” no seu poder de resposta aos limites e constrangimento de momentos históricos de impasse para a produção cultural. O segundo é o fato de que, sendo a poesia o segmento da produção cultural mais depreciado pelo mercado, de certa forma passa também a ser o segmento “mais livre” das pressões desse mesmo mercado, adquirindo assim uma maior margem de manobra para a experimentação e assertividade do que as outras formas artísticas vistas como mais “rentáveis”. Outro fato que me parece curioso, e termina sendo relativo ao anterior, é a forma como a poesia repercute, com alto grau de precisão, as questões latentes nos demais segmentos da produção cultural de um dado momento ou contexto social e político (Quero sublinhar que o que acabo de observar sobre a quase desvinculação entre poesia e mercado, não carrega minimamente nenhum critério de valor, sendo tomado aqui apenas como um ponto de vista tático de observação da poesia).

Além destes fatores, me interessou particularmente a existência de um quase consenso sobre a falta de interesse da novíssima poesia 90, qualificada como conservadora, tradicionalista e, sobretudo, sem nenhum nervo crítico. Uma poesia que refletiria apenas a apatia de uma geração marcada pelas pressões do mercado e das novas tecnologias, pela cultura de massa e, portanto, pela ausência de qualquer projeto transformador ou inovador fosse ele político ou estético. A blague mais corrente sobre esta nova produção é o de que a poesia 90 é duas vezes a de 45 (uma geração de poetas vista, no Brasil, como um “atraso” em relação ao modernismo).

Entretanto, ao lado destes diagnósticos pessimistas, o que se vê é uma nova produção ocupando um espaço razoável na grande imprensa, o lançamento de novas revistas especializadas em vários pontos do país e a proliferação de eventos bastante profissionais para a leitura de poesia, caracterizando, portanto, um certo aquecimento neste mercado. O exame dessa produção ficou, portanto irresistível.

O primeiro problema a ser enfrentado, já foi referido no início dessas observações: a enorme fragilidade dos parâmetros de trabalho e modelos de interpretação disponíveis, que são aqueles ainda de natureza modernista, e que mostram uma significativa ineficácia como categorias de análise para o exame das transformações culturais em curso.

Na área de literatura, que é o caso em questão, tornou-se extremamente complicado utilizar não só esses modelos, mas, sobretudo o quadro de valores que sempre informou esta atividade crítica. Por exemplo, a noção de qualidade literária ou estética - até pouco tempo “intocável” e intocada pela crítica - em função das interpelações que vem sofrendo por parte dos movimentos literários não canônicos, transformou-se hoje num terreno arenoso e mesmo temerário.

Parece então que o último caminho que nos resta como alternativa ainda viável é praticar uma atenção redobrada ao contexto, com a historicização não apenas da criação textual, mas, sobretudo dos processos de transformação do espaço mais amplo da produção dos bens culturais, que poderia ser considerado a colaboração positiva para o estudo da literatura oferecida pelos modelos de interpretação do Novo Historicismo e dos Estudos Culturais, que acabamos de examinar aqui.

Volto ao caso da poesia 90. Um primeiro contato com essa produção poética vai de fato proporcionar uma visão pouco entusiasta desse material. Vê-se um conjunto de poemas aparentemente pouco original, sem nenhum estilo ou referência definidos.

Se, entretanto não desistirmos da leitura, algumas novidades podem nos surpreender. A primeira vai ser a extraordinária e mesmo inédita pluralidade vozes que se firma nesta década e que se expressa na forma de um irreversível multiculturalismo no interior da dicção poética contemporânea. Não vou me ater a este ponto, porque, por ser

um de meus prediletos, correríamos o risco de eu não sair mais dele. Fico então apenas com o registro desta diversidade de dicções e de alguns avanços significativos como o fato de que a poesia escrita por mulheres, hoje já se traduz numa produção que abarca 50% do mercado de poesia, seguida pelo avanço também significativo da poesia negra cuja presença é hoje também bem mais evidente do que nas décadas anteriores. E, sobre ambas, pode-se observar uma transformação qualitativa sem precedentes. Eu diria mesmo que, neste momento, nem a poesia de mulheres nem a poesia negra se confinam no território das lutas identitárias nem do intimismo problematizado que as lançaram, com tanto sucesso, nos anos 60-70, revelando, ao contrário, uma liberdade experimental de pesquisa já bem distante do calor das descobertas de primeira hora, ainda que a elas estreitamente vinculadas. Não posso ainda deixar de referir a emergência nesta década, com força total, da poesia gay, extremamente criativa e forte, e da presença assumida de um olhar judaico fato raro ao longo de nossa história literária.

Mas multiculturalidades aparte, o que particularmente me chamou a atenção no panorama literário 90 foi a presença flagrante de poetas provenientes dos bairros de periferia ou subúrbios de baixa renda, ao lado da intensificação do movimento editorial em favelas e comunidades residenciais mais pobres. Ou seja, pela primeira vez, o poeta pobre passa a ter vez e voz com alguma visibilidade. Sobre esse ponto, importantíssimo, voltarei mais tarde.

Ao lado disso, a utilização das facilidades oferecidas pelas novas tecnologias de reprodução digitalizadas e a exploração de outros canais de divulgação como comprovam a inesperada popularidade de coleções de CDs de poesia ou os eventos de poesia ao vivo, que muitas vezes chegam a lotar teatros e espaços culturais, sugere que talvez a poesia estaria começando a tender na direção de uma culturalização. Ou seja, uma inédita diversificação de seus canais de consumo _ e por que não de sua própria função social - através da abertura de espaços culturais não formais e da emergência de novos hábitos sociais e comportamentais.

Mas isto não é o que causa mais estranhamento no contato com essa nova poesia. Para quem, como eu, está acostumado a se aproximar de um movimento poético em

busca de uma proposta estética ou política, a presença de uma total heterogeneidade de experimentação e de adesão quase blasé a este ou aquele estilo, ideologia ou escola, promove um sentimento de total desconcerto.

Em vez de definir caminhos, vê-se que o único compromisso do poeta 90 é com a ampliação de seu acervo de informação e com a afirmação de um desempenho competente.

Por sua vez, os critérios de aferição da qualidade de um poema também mudam de eixo: deslizam da avaliação da presença de um maior ou menor valor crítico ou inovador, em direção à presença da habilidade em articular procedimentos antagônicos e em expandir o acervo de referências a serem refuncionalizadas ou mesmo “clonadas” pelo novo poeta. A lógica das influências no trabalho de um autor torna-se caótica, fractal e muitas vezes, quase museológica. Convenço-me de que alguma coisa de muito estrutural está em processo de transformação na relação do poeta com seu tempo e com a dinâmica de valorização de seu material de trabalho.

Essa desconfiança me remete a uma questão de fundo colocada por Andreas Huyssen e que talvez descreva de certa forma a relação aparentemente insólita dos novos poetas com a série literária. Huyssen vem, insistentemente, identificando o advento, cultura pós-moderna, de uma relação radicalmente nova com o passado, ou melhor, a experiência de uma recodificação do passado como presente, que estaria começando a superar, de forma definitiva, o ethos teleológico de um “futuro presente”, eixo da temporalidade modernista.

Lembra ainda, a idéia de Hermann Lubbe sobre o que ele define como sendo uma progressiva “musealização” do espaço contemporâneo. E, por “musealização”, Lubbe entende praticamente todas as novas práticas culturais que vão, por exemplo, da crescente valorização do restauro de centros urbanos, monumentos, e até mesmo de paisagens, passando pelo prestígio dos brechós e coleções pessoais, do memorialismo e da biografia, até a atual obsessão com o aumento da capacidade dos bancos de dados e seus hard disks ou dos recursos inesgotáveis abertos pelas práticas de auto-musealização através da criação de homepages e sites personalizados.

Isto, sem referir o óbvio que é o sucesso sem precedentes dos museus que, de local conservador e elitista, - bode expiatório dos modernos - , transforma-se na menina dos olhos da cidade pós-moderna. Como diz Andreas Huyssen, “a planejada obsolescência da sociedade de consumo encontra seu contraponto na implacável museumania”.

Para fechar, vou me fixar no ponto que me parece o mais atraente dessa nova e radical “viagem” da cultura: o alcance político dos movimentos de hibridização de estilos e fluxos culturais.

Ao lado do surgimento, já bastante estudado, de uma textura híbrida de fundo nas novas formas artísticas, nas quais já não é mais possível distinguir um desnível real entre as formas de elite ou de massa, entre a cultura oral ou escrita, entre imagem e palavra ou entre culturas de mídias diversas, destaca-se o fenômeno que, para mim, sinaliza a grande virada da cultura no século XXI.

Falo da inédita proliferação de canais e arenas políticas onde fluem gêneros, culturas e pontes que ligam as margens da Cidade Partida, para usar o insight de Zuenir Ventura.

O que chama atenção nesse fluxo que se estabelece entre centro e margens é que manifestações alternativas importantes, como a produção de ponta do mangue beat de Chico Science, ou do rap – o movimento rhythm & poetry - que nos trouxe o impacto das vozes dissonantes das periferias, não são mais fenômenos impenetráveis. Ao contrário, representam espaços importantes de articulação intercultural.

O novo cinema documentário brasileiro vem revelando esse fluxo ou efeito “Cidade Partida”, em filmes como o já histórico “Notícias de uma Guerra Particular”, de João Moreira Salles , “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas” de Paulo Caldas e Marcelo Luna , sobre a violência na periferia com narração rapper dos Faces do Subúrbio e dos Racionais MC, ou o Universo Paralelo de Maurício Eça, filmado em Capão Redondo.

Nas artes plásticas, uma artista como Rosana Palazyan, anuncia sua próxima exposição na elegante galeria Thomas Cohn: o trabalho conjunto com os jovens internos

da Escola João Luiz Alves onde cumprem pena por tráfico de drogas, assalto à mão armada ou latrocínio. Na literatura, o poeta tropicalista Waly Salomão, no modelo Carlinhos Brown, abre um espaço criativo de troca e educação na favela de Vigário Geral.

Por outro lado, a invenção de novos espaços alternativos de mercado e sociabilidade intensificam a circulação entre gêneros, gangues, classes e territórios. É o caso, para citar apenas um exemplo, do espaço rave, inovação na promoção de festas pagas que, de certa forma, tornaram-se um dos canais mais vivos de produção e divulgação cultural alternativas. Um exemplo recente neste sentido, é o sucesso do BUM (Brazilian Underground Movement) que explode em 1994 quando um grupo de DJs da Baixada Fluminense, percebendo a ascensão das festas rave na Fundação Progresso, começa a circular da Baixada para a Zona Sul onde conquista um público enorme e variadíssimo. Desafiando limites geográficos, o BUM, além de se apresentar como banda, divulga a ética de sua tribo contida no panfleto Mandamentos do underground pela defesa da fraternidade, tolerância, e do combate ao preconceito.

Nunca, na História, o underground teve diante de si o arsenal e o espaço que se descortina agora com a webculture e com as novas potencialidades tecnológicas.

No Cadê, em maio de 2000, só de sites de poesia ativos, estão registrados 557, em sua maioria de poetas não identificados com o mainstream literário e que constroem páginas bastante criativas, muitas vezes surpreendentes, cujo objetivo mais frequente é a resistência ou a intervenção. Seja para “ter um lugar ao sol” (sic) como declara a homepage do grupo Caox³ 4 de um subúrbio pobre do Rio, seja para denunciar desigualdades ou afirmar identidades étnicas ou sexuais. Misturado, de forma curiosa, com as páginas de poesia, encontramos o tom contestário dos numerosos (987) sites de funk, rap, hip-hop e graffiti e de revistas afins que, como a Parafernália Submundo Arte Cultura & Chips, lançam a linha estética net-praxianos, segundo seus ideólogos, uma “contribuição ao espaço libertário e global da web”.

³ Caox: <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/>

Um espaço (é sempre bom lembrar) que foi desenvolvido pelo Departamento de Defesa Americano, no quadro apocalíptico de uma perspectiva de conflito nuclear, com o propósito de produzir um sistema altamente flexível e disperso, capaz de criar um ambiente de perspectivas estratégicas infinitas. Que, espero em Deus, saberemos usar, neste novo milênio, com malícia e maestria.